

## Sentido nas perspectivas de Frege e de Wittgenstein

Jorge Henrique Lima MOREIRA<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo desse texto é apresentar as concepções de sentido dos dois autores anunciados aqui, pois ambos têm concepções com aproximações e diferenciações. Frege cria uma teoria da linguagem que diferencia sentido e referência, salvaguardando as sentenças sem valor de verdade. Segundo ele, existe um discurso que não tem valor de verdade, mas que é significativo, pois é um discurso possuidor de sentido. Esse discurso, no entanto, não pode almejar o *status* de científico, pois para isso teria que ter também referência, ou seja, valor de verdade. Já Wittgenstein tem uma concepção de sentido que se pauta na bipolaridade da proposição, não sendo exigido dela que denote algo, i.e., que tenha referência também. Com isso, o que não tem essa propriedade fica condenado ao âmbito da não-linguagem. A diferença, portanto, é que Wittgenstein não exige um correspondente referencial para a sentença, cabendo-lhe descrever um estado de coisas [possíveis].

**Palavras-chave:** Sentido; Linguagem; Referência.

**ABSTRACT:** The aim of this paper is present the conception of sense of both authors announced here, well one have conceptions with similarities and differences. Frege creates a language's theory that differentiates sense and reference (meaning), saving the sentences without truth's value. To him exist a speech that don't have truth's value, but which is significant, because is a speech which owns sense. In the meantime, this speech can not intend be scientific. For this it would need have reference too, in other words, truth's value. Wittgenstein has one conception of sense which have grounds in the preposition's bipolarity, being not demanded of it that denote something, that is, which have reference too. With this, what don't have this property be condemned by scope of the not-language.

**KEY-WORDS:** Sense; Language; Reference.

### Introdução

A filosofia analítica da contemporaneidade tem início com a *linguistic turn* (reviravolta linguística) do fim do século XIX, de onde podemos destacar Gottlob Frege, filósofo e matemático alemão proeminente em seu tempo, embora não tenha sido reconhecido como tal por seus contemporâneos. Frege é importante para a filosofia por ser pioneiro na utilização de um método analítico na lógica<sup>2</sup>. Por isso ele é costumeiramente considerado o pai da filosofia analítica e da filosofia da linguagem.

### Outro filósofo marcante da primeira fase da reviravolta

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará e bolsista de Iniciação Científica pela Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza-CE. Correio eletrônico: jorgelima10@hotmail.com

<sup>2</sup> Isso não quer dizer que tenha sido o primeiro a trabalhar com um método analítico, pois sabidamente outros já o tinham feito, como Aristóteles e Leibniz. O fato é que Frege foi pioneiro em sua analiticidade, pois ele a pensou a partir de uma perspectiva completamente destituída de subjetividade, criando uma teoria do pensamento em um âmbito puramente lógico.

linguística foi Ludwig Wittgenstein, autor do célebre *Tractatus Logico-Philosophicus*. Sua obra é reconhecida como inspiradora do logicismo em sua forma mais radical, bastando citar a repercussão de tal obra no *Positivismo Lógico*.

O presente artigo pretende apresentar a noção de sentido nas concepções filosóficas de Gottlob Frege e Ludwig Wittgenstein<sup>3</sup>. Os dois autores têm concepções distintas, embora haja pontos de intersecção entre elas. A obra *Über Sinn und Bedeutung* (Sobre o Sentido e a Referência) mostra como Frege distingue sentido e referência de um termo e de uma sentença afirmativa. Para o autor existem sentenças que têm sentido independente de terem valor de verdade (referência), dependendo do tipo de discurso que se quer construir. A análise fregeana permitirá estabelecer sentenças que podem ter *status* de científicas, o que não caracteriza um desprezo pelo restante do discurso humano.

Wittgenstein, ao contrário, pretende traçar os limites do discurso significativo, restringindo o restante ao não-discurso, i.e., determinando como proposições contrassensuais ou sem sentido.

No entanto, o que se pode perceber como característica comum dos dois autores é que ambos apontam para a objetividade do pensamento, não cabendo qualquer tentativa de psicologização<sup>4</sup> ou mesmo de pensar em uma perspectiva epistemológica, i.e., almejam uma teoria do pensamento, mas não uma teoria do pensar.

O pensamento é identificado com a linguagem, de modo que não há pensamento que já não seja mediado linguisticamente. O pensamento é algo que se apresenta objetivamente na proposição, não cabendo a psicologização do sujeito que o enuncia.

## Frege

Frege é um autor que tem como projeto inicial fundar a aritmética em bases lógicas, ou seja, em elementos simples que servissem de ancoradouro para se construir toda a matemática. Para

---

<sup>3</sup> Especificamente o 1º Wittgenstein, i.e., o autor do *Tractatus*.

<sup>4</sup> O projeto fregeano se caracteriza por ser anti-psicologista, pois o autor aponta para o fato da lógica moderna está contaminada de psicologismos na lógica. O pensamento, portanto, passa a ser visto como algo objetivo, tendo seu conteúdo apresentado na linguagem e extraído pela análise lógica.

tanto, ele precisava de uma linguagem que não fosse suscetível de imprecisões, pois claramente a linguagem ordinária é incapaz de tal feito. Assim, Frege criou sua *Conceitografia*, qual seja, uma notação lógica que é capaz de evitar as sutilezas da linguagem ordinária, tais como vagueza, polissemia e imprecisão. O objetivo de Frege era criar uma notação artificial que pudesse superar tais deficiências imanentes à linguagem usual:

Em seu entender, ela objetivaria substituir a linguagem ordinária face à imperfeição e à insuficiência desta para usos científicos. De fato, a linguagem corrente é com frequência obscura, ambígua e irregular. E, na maior parte das vezes, mostra-se inapta para expressar relações lógicas de certa complexidade (ALCOFORADO, *in* FREGE, 2009, p. 15).

Com a *Conceitografia* passa a ser possível expressar conteúdos complexos de maneira objetiva. Frege concebe cada sentença como expressão de um pensamento. Esse pensamento é objetivo, e não subjetivo, conforme é depreendido das filosofias da modernidade. Em sua fase posterior, Frege fará a distinção entre pensamento e ideia, dizendo que esta é de âmbito individual, enquanto o pensamento pode ser apreendido por todos. A ideia é uma representação subjetiva de um sujeito particular, não correspondendo ao pensamento concebido por Frege. O pensamento é algo que é perceptível em uma sentença objetivamente, ou seja, destituído da carga representacional do sujeito cognoscente. Segundo o próprio Frege, poderíamos apontar essa diferença ao analisarmos um nome próprio qualquer:

A referência de um nome próprio é o próprio objeto que por seu intermédio designamos; a ideia que dele temos é inteiramente subjetiva; entre uma e outra está o sentido que, na verdade, não é subjetivo como a ideia, mas que também não é o próprio objeto (FREGE, 2009, p.135).

A ideia é de âmbito inteiramente subjetivo, pura especulação ou representação do sujeito. Se tomarmos um nome próprio novamente, como é o caso de "o planeta à direita da Terra", teremos Marte como a referência de tal nome, a posição de tal planeta em relação à Terra apontada como sendo o sentido e ainda a ideia que um indivíduo poderá criar desse objeto. Essa ideia é de natureza individual, não podendo ser confundida com o sentido, que é de certa maneira de natureza

intersubjetiva, pois poderá ser acessado ou compartilhado por muitos indivíduos.

E o que de fato Frege definiu como sendo o sentido? Alcoforado o define como "(...) o mediador entre a expressão (nome próprio, termo conceitual ou sentença) e seu referente" (FREGE, 2009, p.132). O sentido equivale a um intermediário entre a expressão linguística e seu referente, quer dizer, é algo subjacente aos dois de forma objetiva. Bem, aqui temos uma peculiaridade em Frege, pois ele de fato toma o sentido como algo objetivo, o que parece de certa maneira contrariar nossa intuição, pois o sentido é tratado como sendo algo similar ao pensamento. E de fato é assim mesmo, mas com uma ressalva: Frege entende que o pensamento é algo objetivo, não tendo qualquer ranço subjetivista. É verdade que ele também não é nem um objeto nem um elemento linguístico. O que Frege entende por *sentido objetivo* é algo como uma evidência – este se mostra. O modo como Frege introduz essa distinção sentido-referência pode ser elucidador.

Vejamos como Frege introduz a diferença entre o sentido e a referência em sua teoria da linguagem. Ele começa seu texto com a reflexão acerca da natureza da identidade, a qual pode se manifestar de duas maneiras. Se tomarmos  $a=a$ , veremos que temos uma identidade que é clara, que é evidente por si só, portanto não ampliadora do conhecimento de algo. Entretanto, se tomarmos  $a=b^5$ , veremos uma diferença, pois aqui se tem uma identidade também, mas que, no entanto, amplia o conhecimento daquilo que queremos definir, pois aqui não temos uma evidência como no primeiro caso, mas continua estabelecendo uma relação de identidade<sup>6</sup>.

...  $a = a$  sustenta-se *a priori* e, segundo Kant, deve ser denominada de analítica, enquanto que sentenças da forma  $a = b$  contêm, frequentemente, extensões muito valiosas de nosso conhecimento, e nem sempre podem ser estabelecidas *a priori* (FREGE, 2009, p. 129).

Nesse período, Frege percebe que a identidade não se dá entre signos, como ele outrora acreditava, mas entre os objetos designados

5 Exemplos dessas relações de identidades seriam "Aristóteles = Aristóteles" e "Aristóteles = o discípulo de Platão".

6 O verbo "ser" pode ocorrer como um sinal de identidade, como é o caso do exemplo acima; assim como também pode designar uma predicação de um nome (p.ex. 'a bola é redonda'); ou ainda como um designador de existência (p.ex. 'Deus é').

por tais nomes. No exemplo acima, claramente **a** e **b** não são os mesmos signos, embora seja preservada a relação de identidade entre os termos, pois claramente reconhecemos que é o mesmo objeto designado pelos termos. Tomando um exemplo do próprio autor perceberemos o que ele quer dizer com isso. "A estrela da manhã é a estrela da tarde" designam o mesmo objeto, a saber, o planeta Vênus, embora de modos diferentes, pois depende do momento do dia em que estivermos olhando para o céu.

A distinção apresentada aqui por Frege é entre o significado/referência de um termo ou sentença e o sentido. Um signo linguístico enquanto tal aspira à significação, pois do contrário ele não seria sequer considerado um signo. Assim, um signo contém necessariamente um sentido, pois senão seria algo como a não-linguagem, pois a lógica delimita as fronteiras da linguagem. E de fato é assim, não implicando com isso que os signos linguísticos também tenham referência, pois podem ser destituídos disso.

Portanto, para que possamos caracterizar algo como linguagem basta que esta apresente sentido, independente de denotar algo. É claro que alguns signos linguísticos têm, além do sentido, referência também. Existem nomes próprios que denotam objetos e sentenças que denotam outros objetos (os valores de verdade), que também são considerados objetos por Frege.

O resultado dessa distinção feita por Frege é uma divisão dos tipos de discursos. Para que um discurso possa ser considerado um discurso ele precisa ter sentido, pois do contrário seria um não-discurso. A lógica estabelece regras sintáticas que determinam as sentenças bem formadas. Essas, quando bem construídas sintaticamente, contêm um sentido, que Frege denomina como pensamento. Desse modo, o pensamento é uma exigência mínima para todo e qualquer discurso. É porque tem sentido que um discurso gera comunicação, possibilitando a interação linguística entre os indivíduos. Uma sentença como *O Brasil água reservatório detém de maior o mundo do* não gera comunicação, pois lhe falta sentido, logo não transmite um pensamento. A ordenação correta das palavras possibilitaria a transmissão de um pensamento. E nós só precisaríamos disso para apreendermos o sentido da expressão. Isso quer dizer que a referência não é uma exigência de todo e qualquer

discurso. Exemplo desse discurso seria o da poesia épica, segundo o próprio Frege. Quando escutamos uma estória mítica captamos o pensamento contido nas sentenças dela, embora não possamos atribuir veracidade a esse discurso. Mas isso é irrelevante, pois o pensamento independe de sua referência. Ao inferirmos a mensagem do texto, apreendemos o pensamento subjacente nas sentenças da estória, extraindo o conteúdo comunicacional, possibilitando-nos: comentar sobre a mesma, adicionar novos elementos e fazermos críticas a essa estória, mesmo que essas sentenças supracitadas não denotem algo.

No entanto, para alguns tipos de discursos também ocorrerá a exigência da referência<sup>7</sup>, como são os casos da ciência e, podemos também dizer, da filosofia. Frege aponta na direção de que nem todo discurso com sentido pode ser considerado um discurso que proporcione conhecimento. Podemos com isso afirmar que Frege aponta para uma diferença entre um discurso que transmita conhecimento, ou seja, científico, e outro discurso que tem sentido, porém não expressa conhecimento, i.e., que não apresenta valor de verdade. E por que é tão importante a referência? Por que não nos basta o pensamento? E Frege responde: *“Porque estamos preocupados com seu valor de verdade... É, pois, a busca da verdade, onde quer que seja, o que nos dirige do sentido para a referência”* (FREGE, 2009, p. 138). Sentenças sem valor de verdade não garantem que se fale de algo como o mundo, pois ter sentido é garantido a toda e qualquer sentença bem formada sintaticamente. Por exemplo: “Unicórnios existem” é uma sentença que transmite um pensamento, logo tem sentido. Mas claramente essa sentença é problemática, pois sabidamente não há um objeto sequer assim existente no mundo, a saber, unicórnio. Apenas sentenças que podem ter um valor de verdade atribuído podem ser consideradas científicas.

Desse modo, o que Frege chama de uma sentença que pode ostentar o *status* de científica é uma sentença que pode ser julgada. Julgar não é apenas reconhecer o pensamento de uma sentença, mas também, e sobretudo, seu valor de verdade. “Um juízo para mim não é a mera apreensão de um pensamento, mas o reconhecimento de sua

---

7 No caso das sentenças os objetos referentes são ou “o verdadeiro” ou “o falso”. Esses objetos lógicos são as únicas referências possíveis para toda e qualquer sentença. Dessa maneira, todas as sentenças verdadeiras têm o mesmo referente, portanto, o mesmo valor de verdade. Essas sentenças podem ser substituídas entre si e o valor de verdade não se alterará. O mesmo acontece com as sentenças falsas. (Cf. Sobre o Sentido e a Referência. FREGE, 2009.)

verdade” (FREGE, 2009, p. 139). Apreender o pensamento é a garantia de significatividade de uma sentença. Todavia, apenas as sentenças que têm valor de verdade são juízos; isto é, apenas sentenças que têm referência de fato julgam algo ou denotam algo.

Então eis a questão: a busca da verdade nos impulsiona à obtenção da referência, que não pode se estender a todos os tipos de discursos. Para Frege, a poesia, por exemplo, não necessita de referência, bastando-lhe ter sentido. Querer atribuir significado (uma referência) às sentenças desse discurso resultaria em retirar sua beleza, seu encanto. E Frege não quer impor isso a partir de sua concepção linguística. Analisar a poesia ou discursos similares da mesma forma que se analisa o discurso científico é um erro lógico, pois são discursos com estruturas lógicas diferentes. O caso é que tais discursos não se determinam a partir das categorias de verdade/falsidade, mas sim nas categorias de significativo/não-significativo, ou seja, se têm sentido ou não.

Com isso se percebe que a teoria fregeana da linguagem não faz uma limpeza excludente no âmbito da linguagem. Todavia, estabelece critérios de classificação para se obter um discurso científico. Um discurso científico é um discurso que tem sentido (pensamento) e referência (valor de verdade). Outros discursos, como a poesia, embora destituídos de valor de verdade, são, todavia, significativos<sup>8</sup>, já que possuidores de sentido.

## **Wittgenstein**

A concepção de sentido aqui comentada diz respeito ao *Tractatus* de Wittgenstein. A concepção de linguagem do filósofo austríaco se dá em um nível lógico, não se atendo às ocorrências linguísticas do dia-a-dia. Assim, o trabalho do filósofo se traduz em apresentar a essência da linguagem enquanto tal, não se restringindo a uma linguagem específica qualquer.

Wittgenstein apresenta uma concepção lógica de linguagem que estabelece os critérios de significatividade de uma linguagem qualquer. Para tanto, ele precisou engendrar uma sofisticada ontologia a fim de

8 Ou seja, têm o mínimo para que um discurso seja considerado como tal, i.e., sentido.

fundamentar sua concepção de linguagem<sup>9</sup>. Embora não tenhamos o objetivo de explanar sua ontologia aqui, faz-se necessário dizer algo acerca disso, haja vista sua concepção de linguagem estar inteiramente entrelaçada com esta.

A ontologia tractariana é uma ontologia que estabelece não o que é o nosso mundo, mas, na verdade, o que são todos os mundos possíveis – e isto se dá em um nível completamente lógico. O autor concebe sua ontologia sob a égide da factualidade do mundo, e não sob uma objectualidade conforme a tradição filosófica. Assim, o mundo é composto de fatos, e não de objetos, conforme ele atesta no aforismo 1.1<sup>10</sup>. Portanto, todas as possibilidades de fatos de qualquer mundo são determinadas por sua ontologia em âmbito lógico. Essa ontologia composta de fatos possíveis é demarcada pelo espaço lógico, que é a unidade lógica de todos os mundos possíveis. Cada ocorrência factual nesse espaço de possibilidades lógicas é demarcada pelo filósofo como um estado de coisas. E aqui chegamos ao ponto suprainportante para nossa investigação proposta: o estado de coisas<sup>11</sup> é a unidade mínima da ontologia wittgensteiniana<sup>12</sup>.

A linguagem descreve o mundo, portanto as proposições descrevem fatos. Quer dizer, as proposições complexas da linguagem descrevem os fatos do mundo, que ocorrem sob o encadeamento de fatos mais simples. Cada fato desta natureza é o que podemos chamar de um estado de coisas, ou ainda, uma possibilidade factual. Destarte, para que uma proposição possa ser significativa ela precisa corresponder a um estado de coisas, que é a unidade mínima da ontologia. Tal proposição se chama de proposição elementar.

Uma proposição elementar terá sentido quando ela descrever um estado de coisas<sup>13</sup>, não havendo necessidade de uma ocorrência

---

9 Pode dizer-se que a Linguagem para Wittgenstein é a totalidade das proposições com sentido. No aforismo 4.001 Wittgenstein diz que: "A totalidade das proposições é a linguagem".

10 O mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas (WITTGENSTEIN, 2001, p. 135).

11 E o que vem a ser um estado de coisas. Conforme o próprio autor, "o estado de coisas é uma ligação de objetos (coisas)". (WITTGENSTEIN, 2001, aforismo 2.01)

12 Por conta dos fins propostos desse artigo não discorreremos acerca dos conceitos-chave da ontologia wittgensteiniana.

13 Conforme o aforismo 4.023 atesta: "A proposição é a descrição de um estado de coisas" (WITTGENSTEIN, 2001, p. 169).

factual de tal elemento ontológico. A proposição vista do ponto de vista lógico não alcança o mundo, pois se trata de estabelecer *a priori* os critérios de descritibilidade, i.e., o *Tractatus* não busca uma fundamentação realista ou mesmo empírica da linguagem. A proposição é essencialmente bipolar, ou seja, ela tem a propriedade de poder ser falsa ou verdadeira. Desse modo, podemos afirmar que o que caracteriza uma proposição é sua bipolaridade, não ficando determinado seu valor de verdade.

Entender uma proposição significa saber o que é o caso se ela for verdadeira.

(Pode-se, pois, entendê-la e não saber se é verdadeira.)<sup>14</sup>

A ideia é que a proposição descreva um fato que poderia ser o caso de ser verdadeiro, não importando se ele ocorre mesmo no mundo. O mundo aqui mencionado se refere ao espaço de possibilidades lógicas de Wittgenstein. Assim, o sentido da proposição no *Tractatus* está no fato de ela descrever um estado de coisas, por mais que este não ocorra em nosso mundo, ou até mesmo seja contrário às nossas crenças científicas. O mundo descrito por uma proposição terá uma ligação lógica com o nosso mundo, ou seja, algo em comum com nosso mundo. “É óbvio que um mundo imaginário, por mais que difira do mundo real, deve ter algo – uma forma – em comum com ele” (WITTGENSTEIN, 2.022, 2001, p. 139). Então, quando enunciamos algo acerca do mundo nós de fato determinamos a existência desse estado de coisas no espaço lógico.

A proposição determina um lugar no espaço lógico. A existência desse lugar é assegurada tão somente pela existência das partes constituintes, pela existência da proposição com sentido. (WITTGENSTEIN, 2001, aforismo 3.4)

Wittgenstein não quer com isso dizer que tudo o que se produz na linguagem tem sentido, pois ele aponta para as pseudo-proposições, que podem ser contrassensuais ou sem sentido. Uma proposição com sentido descreve o que poderia ser o caso em algum mundo possível<sup>15</sup>. “José Serra foi eleito presidente do Brasil no ano de 2011”

<sup>14</sup> WITTGENSTEIN, 2001, aforismo 4.024. WITTGENSTEIN, 2001, aforismo 4.024.

<sup>15</sup> Um critério que é discutível, porém razoável, é o que os positivistas do Círculo de Viena defendem: uma proposição com sentido é aquela que é verificável, ou seja, quando é o caso de ela gerar um método de verificação empírica dela. Isso não quer dizer que ela tenha que ser verificada, mas simplesmente que ela

é uma proposição que não é verdadeira, porém tem sentido. Segundo Wittgenstein, o que garante o sentido dessa proposição é ela descrever uma situação possível no mundo.

Dito isso, fica claro que o sentido de uma proposição para o filósofo é garantido pelo fato de esta descrever um estado de coisas. Podemos também dizer com isso que, assim como em Frege, uma proposição com sentido apresenta um pensamento, que também é inteiramente objetivo. Não cabe ao sujeito individual a atribuição do pensamento de uma proposição, mas este se dá de maneira puramente lógica ao descrever um estado de coisas. E é assim que o autor afirma no aforismo 4 que "O pensamento é a proposição com sentido" (WITTGENSTEIN, 2001, p. 165). Podemos apreender o pensamento de uma proposição sempre que ela descrever um estado de coisas, ou, dito de outra forma, sempre que ela descrever um caso, que pode ser tanto verdadeiro como falso<sup>16</sup>.

Wittgenstein estabelece que o sentido da proposição consiste em descrever algo que pode ser o caso. Poder descrever algo não é garantia de uma proposição autêntica, pois a tradição filosófica tentou dizer coisas que, segundo o autor, não poderiam ser ditas. Segundo ele, essas proposições estão incorretas segundo as leis lógicas, ultrapassando os limites de significatividade impostos pela lógica. A tentativa de falar daquilo que está fora do limite imposto pela lógica incorre na criação de proposições contrassensuais ou mesmo sem sentido.

As proposições contrassensuais seriam proposições como as da metafísica, da ética ou então da estética, que, segundo Wittgenstein, são proposições que não descrevem estados de coisas. Essas são, na verdade, pseudo-proposições, que têm uma falsa aparência de proposição.

As proposições da lógica são proposições que Wittgenstein nomeia de sem sentido, pois o valor de verdade de tais sentenças é determinado *a priori*. Exemplos dessas proposições são as tautologias

---

tem que poder ser verificada.

<sup>16</sup> Não há espaço para a intenção na enunciação da proposição, pois o sentido (pensamento) deve ser apreendido imediatamente, sem a introdução intencional do sujeito.

e as contradições, que são os limítrofes da lógica. É estranho afirmar que as proposições da lógica não tem sentido, mas basta lembrarmos o critério de significatividade de Wittgenstein para dirirmos essa dúvida: para ter sentido, uma proposição tem que ser bipolar, de maneira que não podemos determinar *a priori* seu valor de verdade. Destarte, só tem sentido uma proposição que é contingente<sup>17</sup>.

Ao apresentar sua concepção de linguagem no *Tractatus*, Wittgenstein diz que a tradição filosófica comete erros por não levar em conta as leis lógicas de constituição de proposições significativas. Claro, com isso ele almeja ter resolvido todos os problemas de filosofia.

A maioria das proposições e questões que se formularam sobre temas filosóficos não são falsas, mas contrassensos. Por isso, não podemos de modo algum responder a questões dessa espécie, mas apenas estabelecer seu caráter de contrassenso. A maioria das questões e proposições dos filósofos provém de não entendermos a lógica de nossa linguagem (WITTGENSTEIN, 4.003, 2001, p. 165).

## Conclusão

Frege e Wittgenstein têm concepções diferentes acerca do sentido das expressões da linguagem, mas com aproximações.

A constituição do sentido é o ponto determinante da significatividade de uma linguagem qualquer para que ela possa gerar comunicação. Os dois autores buscam estabelecer isso. No entanto, Frege faz uma distinção entre sentenças da ciência e sentenças da não-ciência pautada em sua diferença entre sentido e referência. Às sentenças desta só é exigido terem sentido, enquanto que às sentenças daquela exige-se que tenham sentido e referência. O objetivo de Frege é dar critérios para distinguir as sentenças científicas das demais. Somente fazendo uma análise lógica rigorosa poderíamos determinar quais sentenças de fato transmitem conhecimento, i.e., são científicas. O problema resolvido por Frege é o da confusão criada pela tradição em achar que toda sentença tem significado. Com a distinção entre Sentido e Significado (Referência) passa-se a ter discursos diferentes, pautados por critérios lógicos.

---

<sup>17</sup> Contingente é o que não é necessário; aquilo que é o caso, mas poderia ser o caso de não ser, sem alterar em nada a constituição do mundo.

Para Wittgenstein, diferentemente, o sentido é a única exigência de significatividade de uma linguagem em geral. Ter sentido é poder ter um valor de verdade, independente de qual ele seja. Portanto, ter sentido para uma sentença é descrever uma situação que poderia ser verdadeira.

As sentenças das quais não se pode extrair essa propriedade da bipolaridade serão condenadas ao âmbito da não-linguagem, pois estão fora dos limites impostos pelas leis de significatividade da lógica. Uma gama de sentenças fica condenada ao ostracismo devido às imposições lógicas. Apenas o que tem um correspondente no espaço lógico é uma proposição com sentido. Já para Frege não há esse problema, haja vista que toda e qualquer sentença bem construída sintaticamente detêm um sentido, assumindo seu lugar na moradia da linguagem.

## REFERÊNCIAS

FREGE, Gottlob. **Lógica e Filosofia da Linguagem**. Trad. Paulo Alcoforado. São Paulo: Edusp, 2ª Ed., 2009.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp, 3ª Ed., 2001.